



Confins

Revue franco-brésilienne de géographie / Revista
franco-brasileira de geografia

45 | 2020
Número 45

Fotografias, narrativas e memórias sobre o lugar, a paisagem e o uso do solo na área de proteção ambiental Rota do Sol, Rio Grande do Sul

Photographies, récits et mémoires sur le lieu, le paysage et l'usage du sol de la zone de protection de l'environnement Rota do Sol, Rio Grande do Sul

Photographs, narratives and memories about the place, landscape and the use of soil in the area of environmental protection Rota do Sol, Rio Grande do Sul

Gabriela Vitória de Oliveira, Aline Reis Calvo Hernandez e Patrícia Binkowski



Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/confins/29732>

DOI: 10.4000/confins.29732

ISSN: 1958-9212

Editora

Hervé Théry

Referência eletrónica

Gabriela Vitória de Oliveira, Aline Reis Calvo Hernandez e Patrícia Binkowski, « Fotografias, narrativas e memórias sobre o lugar, a paisagem e o uso do solo na área de proteção ambiental Rota do Sol, Rio Grande do Sul », *Confins* [Online], 45 | 2020, posto online no dia 02 junho 2020, consultado o 03 junho 2020. URL : <http://journals.openedition.org/confins/29732> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/confins.29732>

Este documento foi criado de forma automática no dia 3 junho 2020.



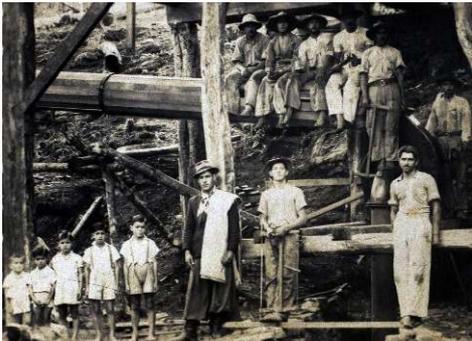
Confins – Revue franco-brésilienne de géographie est mis à disposition selon les termes de la licence Creative Commons Attribution - Pas d'Utilisation Commerciale - Partage dans les Mêmes Conditions 4.0 International.

Fotografias, narrativas e memórias sobre o lugar, a paisagem e o uso do solo na área de proteção ambiental Rota do Sol, Rio Grande do Sul

Photographies, récits et mémoires sur le lieu, le paysage et l'usage du sol de la zone de protection de l'environnement Rota do Sol, Rio Grande do Sul

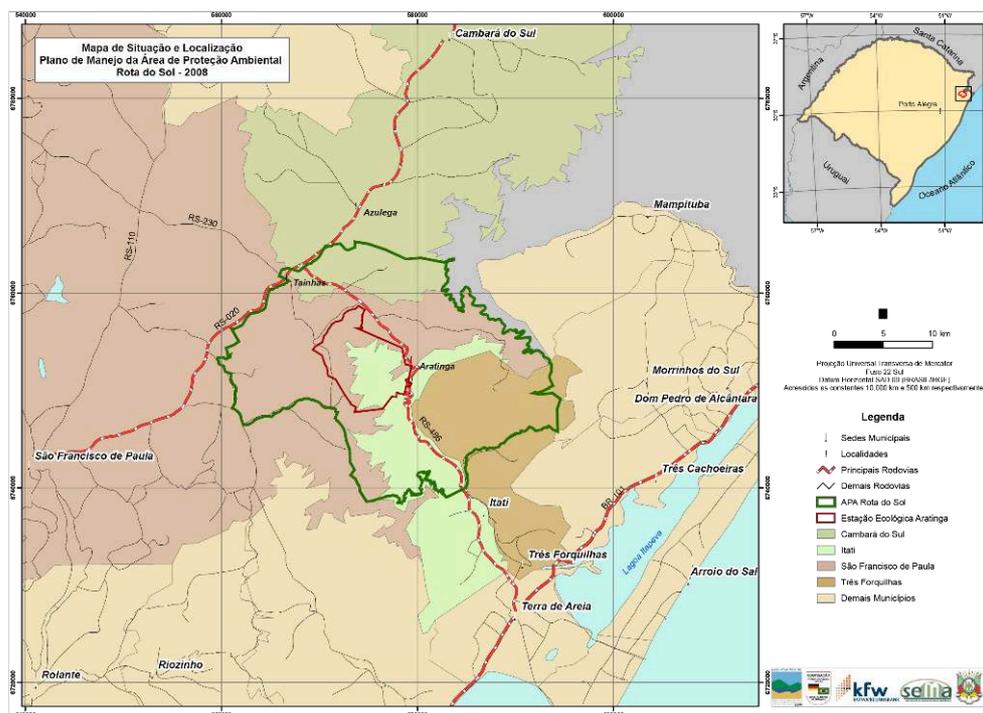
Photographs, narratives and memories about the place, landscape and the use of soil in the area of environmental protection Rota do Sol, Rio Grande do Sul

Gabriela Vitória de Oliveira, Aline Reis Calvo Hernandez e Patrícia Binkowski

- 1 Este artigo¹ tem o intuito de reconhecer a fotografia como recurso e procedimento de pesquisa, como dispositivo de narrativa, de memória e percepção da paisagem. Portanto, a pesquisa objetivou explorar narrativas relacionadas às fotografias, ativando memórias em relação às marcas e à matriz da paisagem. As análises são organizadas em duas partes: Araucária: um significado simbólico associado ao afetos, às emoções e à memória (3.1) e As mudanças no uso do solo influenciando a produção, o trabalho e a organização social (3.2). Deste modo, identificando elementos que mantém viva a cultura local.
- 
- 2 A pesquisa foi realizada na Área de Proteção Ambiental Rota do Sol (APA Rota do Sol), pertencente ao Bioma Mata Atlântica, criada pelo Decreto Estadual nº 37.346, de 11 de abril de 1997, que tem como um de seus objetivos servir de zona de amortecimento para

a Estação Ecológica Aratinga (ESEC Aratinga) (Plano de Manejo APA Rota do Sol, 2008). A área total da APA Rota do Sol é de 54.670,5 hectares (ha) e abrange os municípios de Cambará do Sul, Itati e São Francisco de Paula, neste último, está sua maior porção. A maior parte desta pesquisa está relacionada ao município de São Francisco de Paula, que está localizado no nordeste do Rio Grande do Sul, este por sua vez no extremo Sul do Brasil; sua extensão é de 3.273,498 km² e conta com 20.540 habitantes, sendo 63% da população urbana e 37% rural (IBGE, 2010).

Figura 1 - Localização da APA Rota do Sol, Rio Grande do Sul, Brasil



FONTE: Plano de Manejo Área de Proteção Ambiental Rota do Sol (2008).

- 3 A relevância ambiental e sociocultural da região dos Campos de Cima da Serra no Rio Grande do Sul (RS) é evidenciada pelas práticas culturais que datam desde a presença indígena e pelo elevado número de Unidades de Conservação (UC), no total de seis neste território. Contudo, transformações significativas passaram a ocorrer no território a partir das mudanças no uso e exploração do solo, da maior fiscalização ambiental por parte dos órgãos ambientais e da própria construção da Rodovia Rota do Sol a partir da década de 1970, provocaram alterações sociais, econômicas, ambientais e culturais nesta região.
- 4 As seguintes seções do artigo apresentam o referencial teórico, os passos metodológicos da pesquisa, as imagens, as percepções, as narrativas e a análise e discussão dos dados. Por fim, relatamos as perspectivas da pesquisa em função dos achados e as reflexões e conexões com as políticas públicas que relacionam cultura e ambiente neste lugar.

Procedimentos metodológicos

- 5 A pesquisa se propôs a utilizar a fotografia como um dispositivo de memórias, pois acreditamos que a fotografia tem uma potência diferenciada da técnica de entrevista,

por despertar narrativas que vão além do pré-estabelecido em um roteiro ou questionário. Assim, utilizamos a fotografia como um dispositivo capaz de fazer fluir, de evocar memórias narrativas para além de considerá-la um documento. Adotamos uma abordagem qualitativa em pesquisa e realizamos um estudo de tipo exploratório, descritivo e interpretativo.

- 6 Os participantes foram selecionados por meio da técnica bola-de-neve. Essa técnica é uma forma de seleção utilizada em pesquisas sociais em que os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam outros participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto (HUDELSON, 1994).
- 7 As narrativas se deram mediante técnica de entrevista semiestruturada aberta, que se ateve em ampliar ao máximo os espaços de fala dos participantes.

Comunidades, grupos sociais e subculturas contam histórias com palavras e sentidos que são específicos à sua experiência e ao seu modo de vida. O léxico do grupo social constitui sua perspectiva de mundo, e assume-se que as narrativas preservam perspectivas particulares de uma forma mais autêntica. Contar histórias é uma habilidade relativamente independente da educação e da competência linguística; embora a última seja desigualmente distribuída em cada população, a capacidade de contar histórias não, ou ao menos é em grau menor. (JOVCHELOVICTH e BAUER, 2002, p. 91).

- 8 O condicionante primário para participar da pesquisa foi possuir fotografias antigas do local. Assim, nosso principal informante foi um guarda-parque da Secretária do Ambiente e Desenvolvimento Sustentável (SEMA) do estado do Rio Grande do Sul que indicou possíveis contatos de pessoas que pudessem ter fotografias e essas foram indicando outras no efeito bola-de-neve. Outra importante fonte foi um grupo da *internet* que reúne fotografias antigas da região, chamado “Amigos da Aratinga”, no qual publicamos uma nota solicitando a participação dos interessados.
- 9 As entrevistas foram realizadas de forma individual, algumas vezes com algum familiar presente no encontro. Depois de uma breve apresentação, iniciávamos a entrevista preenchendo os dados relacionados à identificação do participante: nome, idade, sexo, profissão, grupo familiar e tempo de vivência na localidade. Após era solicitada aos participantes a permissão para gravação da entrevista em áudio e lido o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que assinassem.
- 10 As fotografias foram catalogadas com uma breve identificação do local, data aproximada (conforme as lembranças dos participantes), autor ou acervo. Ao total 5 pessoas participaram da pesquisa, sendo que cada um escolheu 5 fotografias, totalizando uma coleção de 25 imagens. Nesse artigo analisamos 6 fotografias da coleção, ancoradas pelas narrativas de 3 participantes. As imagens e narrativas são referentes aos macrotemas: araucária, lugar e mudanças na exploração e uso e do solo.
- 11 - Ciria Melania Gomes (77 anos), natural de Maquiné/RS, mora desde criança na região. Atualmente, vive parte do tempo na localidade de Aratinga, na mesma casa em que nos concedeu a entrevista, e outra parte do tempo em Torres/RS.
- 12 - Manoel Podalírio Fagundes (67 anos) é natural da região, nos conta que sua família sempre morou ali.
- 13 - Pedro Assis Santana Assis (70 anos) é natural da região e sobre suas origens, nos conta que seu pai veio de Sombrio/SC e sua mãe já era dali “desde nascida”.

As marcas e a matriz da paisagem

- 14 A partir de Berque (1998), a paisagem se constitui de vários elementos simbólicos e subjetivos para além dos materiais e objetivos. Durante as análises das entrevistas muitos destes elementos estiveram presentes, tanto aqueles do plano objetivo da imagem, caracterizados aqui principalmente pela araucária, quanto àqueles subjetivos, como as formas de organização social e de produção vinculadas à exploração e uso do solo.
- 15 Nesta pesquisa as interpretações sobre as fotografias e suas narrativas formam uma trama entre o “sujeito coletivo”, o espaço que habita e nele se representa e é representado. Desta forma este estudo pode ser conduzido através do conceito de Berque (1998) sobre paisagem.

A paisagem é uma marca, pois expressa uma civilização, mas é também uma matriz, porque participa dos esquemas de percepção, de concepção e de ação – ou seja, da cultura, que canaliza, em um certo sentido, a relação de uma sociedade com o espaço e com a natureza e, portanto, corresponde a paisagem do ecúmeno. (Berque, 1998, p.84-85).

- 16 Deste modo a relação que o ser humano estabelece com o meio em que vive expressa sua marca, que segundo Berque (1984 apud Hoelzer, p. 57, 2004) está relacionado a dados perceptíveis, contudo ultrapassa o campo do percebido, não somente pela abstração, como pelas mudanças nas escalas espaciais e temporais. Porém, ao detalhar estas escalas temporais, Berque salienta que a paisagem deve ser analisada simultaneamente com a matriz, pois é justamente ela que demonstra a lógica cultural por detrás destas relações entre espaço e natureza com o ser humano (Berque, 1984 apud Hoelzer, 2004). É preciso compreender assim a matriz para entender quais elementos da paisagem são valorizados como constituintes da identidade dos moradores da APA Rota do Sol.
- 17 A fotografia funciona como dispositivo para que estas memórias sejam contadas a partir do presente. Hernandez, Binkowski e Oliveira (2017, p.7) defendem que a memória social narrada no presente se apresenta como uma convulsão de tempos idos e porvires (passado e futuro), mas que é compartilhado no agora, tratando-se de uma “construção/invenção social de memórias que se dão na intertextualidade do espaço/tempo presente construindo uma historicidade”. Assim pode-se dizer que o processo de narrativa cria uma imagem, uma paisagem que a partir da memória evocada pelas fotografias geram informações que vão muito além do visível do objeto. Deste modo, trazemos aqui uma análise iconológica à luz de outras disciplinas das Ciências Sociais, História e Geografia Cultural. Podemos entender que as disciplinas rompem suas fronteiras e formam, entre si, uma trama que se encontra conectada pelo conceito de paisagem e, conseqüentemente, suas características constituintes.
- 18 Tais interações devem ser observadas pela ótica do sujeito coletivo, por isso buscamos enfocar as percepções dos moradores locais sobre o lugar onde vivem.

Araucária: um significado simbólico associado ao afeto, às emoções e à memória

- 19 Foram recorrentes as narrativas que descreviam a evolução do local em relação à araucária (*Araucaria angustifolia*), apesar da árvore em si não ter sido apontada de forma específica em nenhuma das coleções fotográficas. Ficou evidente na pesquisa que a trajetória da paisagem se confunde com a história da araucária nos Campos de Cima da Serra/RS. A araucária tem valor simbólico e cultural na memória local, pois pode ser vista sob a ótica de diversas funções, seja pelo pinhão incrementando a alimentação, seja através da utilização da madeira (construção e comércio).
- 20 Os primeiros habitantes indígenas dos Campos de Cima da Serra eram do grupo Jê (até aproximadamente 1700) formado pelos guianá, os kaigang (ou coroados) e botocudos, os pinaré e ibirajara que já tinham o pinhão como importante fonte alimentar, compartilhando o território para a caça e a coleta, enquanto as lavouras e objetos eram particulares (Lazzaroto, 1978). Os kaigang, por exemplo, delimitavam suas áreas através de sinais na casca dos pinheiros, pois apesar das coletas ocorrerem em território comum, o pinhão era de uso exclusivo da aldeia em que se encontrava (Mabilde, 1983). Os grupos se deslocavam pela região através das estações do ano tendo como base da alimentação o pinhão, a caça de animais, a coleta de frutas, o mel silvestre, as raízes e a pesca (Kern, 1994). A partir do uso de cerâmicas, domesticação de cultivos e construção de casas subterrâneas ocorreram algumas modificações culturais, como a cocção dos alimentos, porém, a caça e a coleta de pinhão e mel ainda mantiveram papel importante. Ao longo do tempo, a madeira da araucária foi sendo utilizada também para a produção de “mãos de pilão” que serviam para moer o pinhão e o milho (Vieira-da-Silva, 2013).
- 21 Em meados de 1779, novos colonizadores foram ocupando as partes altas das coxilhas, as partes mais baixas e as terras próximas às fontes de água (Barbosa, 1978). Esses colonizadores acabaram dizimando grande parte da população indígena que ainda ocupava a região (Barbosa, 1978). É nesta época que se inicia a atividade de pecuária extensiva na região, tendo na produção do couro o principal produto. Com o passar do tempo, o gado foi sendo domesticado e comercializado pelos tropeiros juntamente com as mulas.
- 22 Estabelecidos os estancieiros, via concessão das sesmarias, o pinhão passa a ter papel importante tanto para o consumo humano, quanto para a alimentação dos animais e para o sistema de Roça da Serra². Como as lavouras nas estâncias eram pequenas, estas áreas serviam como local para cultivos agrícolas maiores e invernação³ do gado. O gado, os cavalos e os porcos eram tropeados até estas áreas no início do inverno e era o pinhão seu principal alimento. No início da primavera, com o final da safra do pinhão e a engorda dos animais, os porcos eram abatidos e deles era extraída a banha, o linguiça e o charque que era levado para sede do município, assim como o gado era vendido ou usado pelo estancieiro. A roça então era feita após a derrubada da mata e a realização da queimada (Ambrosini, 2007).
- 23 No início do século XX a araucária ganhou destaque mercantil com o estabelecimento de serrarias na região. As serrarias estavam interessadas somente nos pinheiros com grandes diâmetros, usados para construção, porém, a partir da década de 1960 passam a utilizar também as lascas para celulose. Este novo mercado de celulose na região

acelerou o corte das araucárias, resultando na fragmentação da Floresta Ombrófila Mista (Vieira-da-Silva, 2013).

- 24 Na figura 2, Ciria mostra uma imagem de trabalhadores na Vila de Aratinga que estão sobre um cano feito de madeira de araucária e comenta que “o som do local era o som das serras a cortar as araucárias”.

Figura 2 - Trabalhadores sobre canos feitos de araucária na Vila de Aratinga, década de 1940 (autor desconhecido)



FONTE: Ciria (2018).

- 25 A partir do consumo desenfreado das araucárias na região houve falta de matéria-prima, fazendo com que os proprietários das serrarias começassem a deixar a região. Cabe salientar que tal exploração pouco contribuiu para a economia da população local, já que os proprietários das serrarias eram de outras cidades.
- 26 Na figura 3, Ciria nos remete à época da grande exploração da araucária e relembra uma fala de seu pai: “Quando falavam que não podiam mais cortar disseram a meu pai quando tinha 14 anos – ‘não precisa se preocupar, vai vir da Alemanha um pinus que em 11 anos já rende’”. Ela relata que foi exatamente o que ocorreu: “pinus nasce em todo canto, por isso não nascem outras coisas”. Atualmente o pinus (*Pinnus* sp.), originário da América do Norte se espalhou vastamente pelos Campos de Cima da Serra.

Figura 3 - Trabalhadores sobre encanamento e estrutura feita de araucária na Vila de Aratinga, década de 1940 (autor desconhecido)



FONTE: Ciria (2018).

- 27 A fotografia 4, apresentada por Assis, demonstra indiretamente a presença da araucária, desta vez por meio da construção de casas muito comuns ainda hoje na região. Assis nomeia alguns dos retratados e conta que moravam todos na localidade de Contendas: “Tudo de madeira, material não se sabia o que era, é de *tabuinha* como se dizia antigamente. Uma casa que fosse feita de pinheiro durava até 100 anos”. Assis fala sobre a mudança que houve após a proibição do corte da araucária, mostrando-se favorável às medidas de contenção do corte: “eu derrubei muito pinheiro, hoje a gente sabe né [...]. Porque se não fosse o IBAMA⁴ ter colocado meio que uma trava naquilo ali, não tinha um pinhão para comer hoje”.

Figura 4 - Família em frente à casa construída com madeira de araucária, localidade de Contendas, década de 1940 (autor desconhecido)



FONTE: Assis (2018).

- 28 Frente a este contexto, nota-se que a araucária na região está relacionada a um significado simbólico, sobretudo a fatores identitários. Como fica evidente na exposição de Ciria que diz que “foi debaixo das araucárias, que ainda estão por aqui, que noivei”. A araucária figura como um elemento simbólico que ancora memórias. Para Coriolano (2001), o ser humano é um ser simbólico, suas relações com o mundo sempre são revestidas de significações e valorizações que permeiam o comportamento e o imaginário a formar a cultura de uma sociedade.
- 29 Segundo Bachelard (1998), a imaginação não é faculdade de formar imagens da realidade, mas a faculdade de formar imagens que ultrapassam a realidade, uma faculdade de sobre-humanidade. Essa representação simbólica também estabelece a relação entre o espaço vivido e a memória, em que as imagens tomam o lugar das percepções diretas (Manguel, 2001). É possível afirmar que elementos como a araucária ultrapassam um significado material e assumem um significado simbólico associado ao afeto, às emoções e às memórias que fazem parte da essência da paisagem.

As mudanças no uso e exploração do solo influenciando a produção, o trabalho e a organização social

- 30 Com a falta de matéria-prima causada pela exploração irrestrita da araucária entre os anos de 1935 a 1960 começa uma nova fase econômica nos Campos de Cima da Serra com a produção de pinus. Em torno de 1970 começam a existir incentivos fiscais para a produção de espécies arbóreas exóticas como o *Pinnus elliot* e o *Pinnus taeda* (Vieira-da-Silva, 2013), que irão mudar drasticamente a paisagem local.
- 31 A atividade foi impulsionada, principalmente, por empresas privadas vindas de fora, e, posteriormente, seguida por pequenos produtores locais que plantavam em menor escala. Os produtores locais investiram na atividade como forma de “poupança” ou com

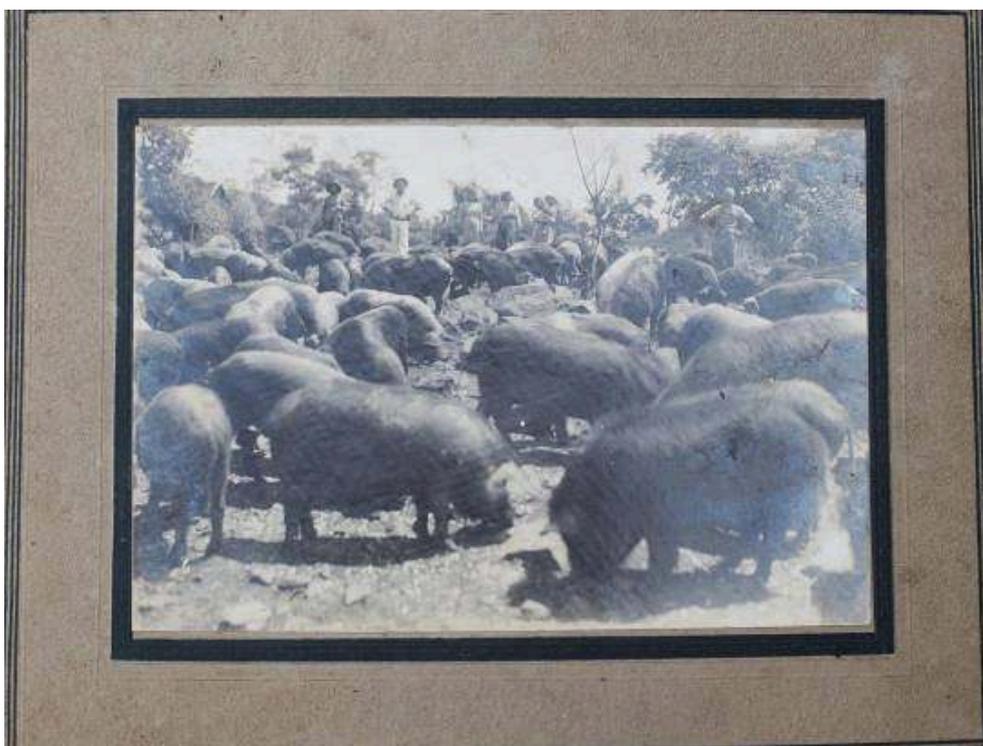
o intuito de impedir a regeneração da mata, já que as leis ambientais impediam a supressão de mata primária (ou em estágio avançado ou médio de regeneração).

- 32 As lavouras de atividade batateira estão concentradas em grandes extensões que estão a cargo de empresas de fora (Vieira-da-Silva, 2013). Mais recentemente a lavoura de soja vem ocupando diversas e grandes áreas (Prefeitura de São Francisco de Paula, 2016). Conforme informações do Plano de Manejo da ESEC Aratinga (2007), a produção de batatas está sendo realizada em terras arrendadas por proprietários ligados à pecuária de corte. A parceria pecuária-batata se caracteriza pelo arrendatário deixar, ao final da colheita das batatas, uma pastagem implantada como parte do pagamento ao pecuarista, que se reverte no ganho de peso do rebanho ao final do inverno. Isso representa um ganho excedente e, na maioria das vezes, maior em relação ao mercado tradicional regional ligado a criação de gado. A produção de batatas demanda o uso intensivo da terra, intenso uso de agrotóxicos e mão de obra que emprega, em geral, pessoas vindas de fora do município, pelo seu baixo custo e sazonalidade. Esta atividade esgota rapidamente a terra em alguns anos, levando o arrendatário a buscar outras terras para o desenvolvimento de sua atividade (Plano de Manejo ESEC Aratinga, 2007).
- 33 Pode-se aferir que se trata de uma atividade intensiva que leva ao esgotamento dos recursos naturais e cujo rendimento financeiro não reverte adequadamente aos habitantes locais. Notamos que essas iniciativas do agronegócio tomam espaço nos Campos de Cima da Serra e algumas práticas culturais estão desaparecendo. Esta substituição das atividades tradicionais por lavoura de batata ou soja está presente na narrativa do participante Podalírio:

[...] eu, por exemplo, tenho bem pouquinho gado hoje mesmo. Já tive bastante gado. As coisas vão ficando muito difíceis. Os campos bom que a gente arrendava por ano, que pagava renda, hoje é tudo lavoura, que dá muito mais. Muita gente vendeu o gado e ficou só com as lavoura. Ganha muito mais do que com o gado. Mas eu, enquanto puder, o meu eu não termino. Gosto muito de animal, tenho um lote de animal. Eu se chegar num lugar que não puder ter meu animal para poder montar a cavalo, eu paro pouco, eu paro pouco mesmo. (Podalírio, 2018).

- 34 Podalírio relata que na década de 1960, em sua adolescência, sua família criava gado e suínos e ele era o responsável pela criação e cuidado dos animais. Neste tempo, a criação de porcos era uma atividade agropecuária muito presente na Vila de Aratinga, aspecto que se pode visualizar também na fotografia que Assis selecionou, a seguir.

Figura 5 - Porcos sendo tropeados para localidade de Padilha, São Francisco de Paula, década 1940 (autor desconhecido)



FONTE: Assis (2018).

- 35 Assis descreve que seu pai tropeava a vara de porcos desde Contendas até Padilha, localidades do interior do município de São Francisco de Paula. Ele comenta que a fotografia é muito antiga e esclarece que ele não chegou a participar desta atividade. A criação de animais e, posterior comercialização já era descrita desde o século XVIII. Esta prática rememorada tanto por Podalírio quanto por Assis está vinculada a um passado que mesmo não vivido é sabido e trazido como elemento relevante na narrativa.

[...] plantar o tanto que esses loucos plantam aqui hoje não! Esse negócio de agrotóxico, que essa batata tá tirando a gente, isso é um absurdo. O que traz de veneno para as terras, para as águas, porque escorre. Tu pode notar pro Rio Tainhas, pro lado de baixo, tu pode ver que tem uns aguapé que tão todo queimadinho, morto, porque eles colocam veneno. (Assis, 2018).

- 36 Diante do relato de Assis se observa a preocupação que os moradores têm com o avanço do agronegócio na região e seus reflexos sobre o ambiente, na água e no solo, elementos que transversalizam, também, outras narrativas.
- 37 Na figura 6, Assis relata as características do gado da região: “aqui era uma junta de boi carreiro e um touro que os guris botaram na mangueira” e nos diz que ainda se vê “gado Zebu e de chifre longo” como os da foto. Assis comenta que os meninos que estão de a cavalo eram seus irmãos mais velhos.

Figura 6 - Criação de gado na localidade das Contendas, década de 1950 (autor desconhecido)

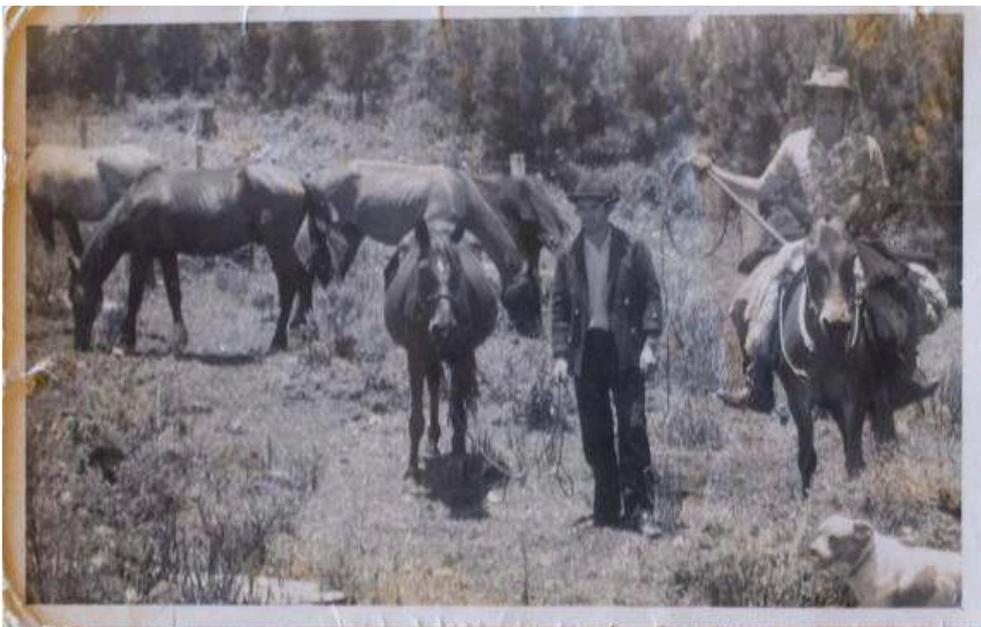


FONTE: Assis (2018).

- 38 Segundo Barbosa (1978), Zebu e Nelore foram as primeiras raças de gado exóticas a serem introduzidas na região, no século XX. Já os chifres longos são característica do gado franqueiro, que se tornou tradicional na região. O trabalho realizado pela família e em família, também foi um dos elementos considerados a partir das histórias narradas pelos participantes, pois trazem sempre a relação do trabalho com a família.
- 39 Na coleção apresentada por Podalírio existe outra fotografia (Figura 7) que remete às comitivas de tropeiros que “hoje já não se vê mais”. Ele comenta que naquela época, por volta da década 1970, os bois eram carneados com muito mais idade que agora.

Aqueles boizão criado, hoje não existe mais! Hoje a boiada é carneada com, no máximo, 3 anos de idade. Boi com 4 anos já é boi véio. Muda tudo as coisas. Naquele tempo era engorde a campo. Hoje não! Hoje é tudo de lavoura, né? Hoje a gente vê pesar uma meia dúzia de gado. Não é como naquele tempo, que a gente ia pesando, vinha trazendo e pesando. Quando a gente via, tinha uma montanha de boi por dia 100, 200, 300 bois. Descia pra baixo nos tempos de veraneio [...]. Hoje tem de ter frigorífico especial. Naquele tempo era os matadouros nos fundos de campo, costa da lagoa. (Podalírio, 2018).

Figura 7 - Tropeiros na Vila de Aratinga, década de 1970 (autor desconhecido)



FONTE: Podalírio (2018).

- 40 A partir da narrativa de Podalírio é possível analisar que, ao longo dos anos, a exploração e o uso do solo da região foram mudando, bem como houve um aumento das exigências legais em relação às atividades agropecuárias, demandando maiores investimentos por parte dos agricultores. Em relação às exigências legais, podem ser citados 2 exemplos recorrentes dos Campos de Cima da Serra: a queima do campo nativo para a produção pecuária e a produção do Queijo Artesanal Serrano (QAS). Assis diz que “os grandes não querem que o pequeno exista, para eles poderem botar preço na mercadoria, é o que saiu agora em relação à carne”.
- 41 A memória coletiva que emerge destas narrativas deflagra as consequências nefastas do agronegócio à região. Cosgrove (1998) destaca que ao se analisarem os significados da paisagem nos deparamos com as paisagens da cultura dominante e as paisagens alternativas. “A cultura dominante procura produzir paisagens de acordo com sua imagem de mundo e ter essa imagem aceita como realidade de todos, enquanto as paisagens alternativas seriam produzidas por grupos não-dominantes, portanto, teriam menos visibilidade”. (Cosgrove 1998 *apud* Melo, 2001, p. 40).
- 42 Beduschi Filho e Abramovay (2004) defendem que as iniciativas de projetos de desenvolvimento territorial em nosso país estão focadas em incentivos financeiros coordenados pelo próprio Estado centralizador, que não refletem as capacidades potenciais de cada região. Os mesmos autores argumentam que as políticas nacionais devem ser mais significativas aos atores sociais e que, apesar de ter avançado ao formar conselhos gestores, o Brasil ainda se limita a uma atividade rotineira de controle que reproduz os costumes e os poderes locais consolidados. A partir dessa análise, sobre os projetos de desenvolvimento territorial, percebe-se o quão distantes estão das políticas públicas voltadas ao meio rural.

Considerações finais

- 43 Na pesquisa apresentada, a fotografia serviu como um dispositivo capaz de fazer emergir memórias, narrativas individuais e coletivas sobre as percepções e significações dos moradores da APA Rota do Sol e suas relações com o lugar, com a paisagem, com as formas de vida e de trabalho.
- 44 As narrativas revelaram as percepções e os sentimentos relacionados ao lugar, as relações materiais, subjetivas e os símbolos da cultura local. Sob a perspectiva de Berque (1998), as narrativas ilustram a matriz da paisagem e dos sentimentos em relação ao lugar. Fizeram parte dos relatos muitas histórias ainda não contadas, mas que narram a paisagem que vemos hoje na APA Rota do Sol. Neste sentido, os dois macrotemas analisados nesse artigo, na seção 3.1 Araucária: um Significado Simbólico associado ao Afeto, às Emoções e à Memória e 3.2 As Mudanças no Uso e Exploração do Solo influenciando a Produção, o Trabalho e a Organização Social trouxeram importantes análises narrativas, nos deram suporte para o registro de uma paisagem que conta a história através de suas marcas, nos ajudando a entender a atual organização social e as memórias locais que permanecem ativas para além das fotografias.
- 45 Na seção de análise “Araucária: um Significado Simbólico associado ao Afeto, às Emoções e à Memória” podemos notar que há um elemento simbólico de paisagem fortemente associado às memórias locais. Esta identificação foi importante para notarmos o quanto elementos paisagísticos são responsáveis por representar sentimentos de pertença ou afeto ao local. Vimos, nas narrativas dos participantes, falas que suscitam sentimentos amparados em uma paisagem fortemente marcada pela presença da araucária. Além disso, a árvore araucária aparece como um eixo transversal entre as mudanças ocorridas com o passar dos anos e as mudanças paisagísticas, aquelas que contam a história de uma transformação sócio-econômica-cultural da região, passando de madeira comercializada à espécie a ser preservada.
- 46 Na sequência, na seção “As Mudanças no Uso e Exploração do Solo influenciando a Produção, o Trabalho e a Organização Social” se evidencia o sentimento em relação às substituições das atividades tradicionais pelo avanço do agronegócio. No geral, as discussões oriundas das análises trouxeram um conjunto de informações e dados históricos que ainda não haviam sido descritos em registros e/ou documentos oficiais ou analisados em outras pesquisas. Através das fotografias do passado, revisitadas e narradas no presente, foi possível aprofundar significados da paisagem, elementos que ligam e identificam as pessoas ao lugar, sentimentos de identidade e pertença, além de poder compreender as relações dos moradores com o território e as influências da APA Rota do Sol em suas vidas, culturas e formas de organização social e trabalho.
- 47 A fotografia se mostrou um poderoso recurso metodológico, especialmente como dispositivo na invocação de memórias narrativas e processos de significação sobre a paisagem e o lugar. As lembranças individuais, familiares e coletivas e as dimensões de vida, trabalho e desenvolvimento rememoradas pelos participantes possibilitaram conhecer muitas memórias da APA Rota do Sol. Histórias antes não contadas constituem agora um registro público de saberes situados, servindo de aporte a outros estudos envolvendo a APA Rota do Sol e a região dos Campos de Cima da Serra, lugares de importância histórica singular.

- 48 Entendemos que as formas de vida, as atividades locais e as relações com o entorno deveriam ser mais aprofundadas em próximas pesquisas, a fim de que os processos, projetos e políticas públicas fossem elaborados e desenvolvidos em integração com os moradores locais, considerando-os sujeitos ativos nas decisões referentes ao seu lugar de pertença. Seria este um caminho mais próximo ao desenvolvimento regional sustentável, com foco no local, sem que sobressaíssem os interesses daqueles grupos que pensam o desenvolvimento somente pelo viés econômico.

BIBLIOGRAFIA

- Ambrosini, L. B. Sistema agroalimentar do queijo serrano: estratégia de reprodução social dos pecuaristas familiares dos Campos de Cima da Serra. 2007. **Dissertação**. Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2007.
- Hernandez, A. R. C.; Binkowski, P.; Oliveira, G. V. Sobre as memórias sociais: Dispositivo de possíveis numa convulsão de tempos. **Anais... XXXI Congresso da Associação Latinoamericana de Sociologia - ALAS**, 2017. Montevideú.
- Bachelard, G. **A poética do espaço**. São Paulo. Martins Fontes, 1998.
- Barbosa, F. D. **A História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST, 1995.
- Beduschi Filho, L. C.; Abramovay, R. Desafios para o desenvolvimento das regiões rurais. **Nova Economia**, Belo Horizonte, v. 14, n. 3, 2004, p. 35-70.
- Berque, A. Paisagem-marca, paisagem-matriz: elementos da problemática para uma geografia cultural. In: CORRÊA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Eds.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998 [1984], p. 84-91.
- Coriolano, L. N. M. Os limites do desenvolvimento e do turismo. **Boletim Goiano de Geografia**. 21 (2): 25-45. jun./dez. 2001.
- Cosgrove, D. A Geografia está em toda parte: Cultura e Simbolismo nas Paisagens Humanas. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. (Orgs.). **Paisagem Tempo e Cultura**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1998, p. 92-122.
- Hoelzer, Werther. Paisagem, imaginário, identidade: alternativas para o estudo geográfico. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Manifestações da cultura no espaço**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.
- Hoffmann, M. L. Fragmentos da história o uso da fotografia para a recuperação e preservação da memória em Londrina. 2015. **Tese**. (Doutorado em Comunicação). Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2015.
- Hudelson, P. M. **Qualitative Research for Health Programmes**. Geneva: WHO, 1994.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Cidades@**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 12 Jan. 2016.
- Kern, A. A. **Antecedentes Indígenas**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

Lazzarotto, D. **História do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Sulina, 1978.

Mabilde, P. F. A. B. **Apontamentos sobre os indígenas selvagens da Nação Coroados dos matos da Província do Rio Grande do Sul - 1836-1866**. São Paulo: IBRASA; [Brasília]: INL/Fundação Nacional Pró-Memória, 1983.

Manguel, A. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

Plano de Manejo Área de Proteção Ambiental Rota do Sol. Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Rio Grande do Sul, 2008. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/unidades-de-conservacao-2016-10>>. Acesso em: 25 Dez. 2016.

Plano de Manejo Estação Ecológica Aratinga. Secretaria do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável. Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <<http://www.sema.rs.gov.br/unidades-de-conservacao-2016-10>>. Acesso em: 25 Dez. 2016.

São Francisco de Paula. Disponível em: <<http://www.saofranciscodepaula.rs.gov.br/noticias/336-abertura-da-safra-da-soja-2016>>. Acesso em: 12 Jun. 2016.

Vieira-da-Silva, C. A (in)visibilidade da uma atividade praticada por muitos: o extrativismo e os canais de comercialização de pinhão em São Francisco de Paula, RS. 2013. 233p. **Tese**. (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Faculdade de Ciências Econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2013.

NOTAS

1. O presente artigo é um recorte da dissertação de mestrado “Memórias e Significados sobre o Território: uma pesquisa fotográfica e narrativa na Área de Proteção Ambiental Rota do Sol, Rio Grande do Sul” defendida no âmbito do Mestrado Profissional em Ambiente e Sustentabilidade na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS) em março de 2018. A dissertação tinha como foco utilizar a fotografia e a narrativa sobre a paisagem da Área de Proteção Ambiental Rota do Sol (APA Rota do Sol) como um dispositivo metodológico, onde os moradores do local pudessem falar de suas memórias a partir de suas próprias imagens
2. Ocorria quando “o estancieiro requeria uma área de mata e mandava demarcar, podendo esta ser perto ou longe da sede da fazenda” (Vieira-da-Silva, 2013, p. 73).
3. Acolher o gado em local protegido do frio.
4. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis.

RESUMOS

A pesquisa adotou a fotografia como recurso para revisitar memórias individuais e coletivas e identificar significados que compõem o lugar a partir da percepção dos moradores da Área de Proteção Ambiental (APA) Rota do Sol, Rio Grande do Sul (RS). Os participantes dispuseram suas coleções de fotografias, que junto às narrativas mostraram as percepções e relações de pertencimento com o local, servindo de base à compreensão e interpretação dos significados que

compõem o lugar. Deste modo tomamos a fotografia como um dispositivo de narrativas e, à luz da iconologia, realizamos uma discussão sobre a memória e os significados de relevância trazidos pelos participantes, dispostos em 2 macrotemas: Araucária: um significado simbólico associado ao afetos, às emoções e à memória (3.1) e As mudanças no uso do solo influenciando a produção, o trabalho e a organização social (3.2). Deste modo, identificando elementos que mantêm viva a cultura local. Para embasar as discussões partimos do estudo teórico-epistemológico em relação ao uso da fotografia como instrumento de pesquisa e dispositivo de memória, bem como, exploramos o conceito de paisagem. O estudo nos possibilitou entender as relações que ligam as pessoas ao lugar, as formas de produção, trabalho e organização social, mediante dados da memória coletiva não antes analisados. O uso da fotografia possibilitou levantar informações que vão muito além do plano objetivo na imagem impressa, proporcionando explorar e analisar os aspectos implícitos e subjetivos e reconhecer significados importantes à comunidade local.

Cette recherche utilise la photographie en tant que ressource pour revisiter les mémoires individuelles et collectives, et identifier les significations qui constituent le lieu, à partir de la perception des habitants de la zone de protection de l'environnement Rota do Sol, Rio Grande do Sul. Les participants ont mis à disposition leurs collections de photos, et, à travers leurs récits, ont montré leurs perceptions et relations d'appartenance à ce lieu, constituant comme référence pour la compréhension et interprétation des significations qui constituent la zone. Ainsi, nous avons adopté la photographie comme un dispositif de récits et, en fonction de l'iconologie, nous avons réalisé une discussion sur la mémoire et ses significations pertinentes apportées par les participants, réparties en deux macro-thèmes : Araucária: une signification symbolique associée aux affections, aux émotions et à la mémoire (3.1) et aux changements dans l'utilisation des terres influençant la production, le travail et l'organisation sociale (3.2). Nous sommes partis de l'étude théorique-épistémologique sur l'usage de la photographie comme instrument de recherche et dispositif de mémoire, comme base de discussion, mais nous avons exploré également le concept de paysage. L'étude nous a permis de comprendre les relations qui lient les personnes au lieu, les modes de production, travail et organisation sociale, à travers des données sur la mémoire collective analysées auparavant. L'usage de la photographie rend alors possible l'apport d'informations qui va bien plus loin que le niveau objectif de l'image imprimée, en nous offrant une exploration et analyse d'aspects implicites et subjectifs et la reconnaissance de l'importance de la communauté locale.

The research adopted the photograph as a resource to revisit individual and collective memories and to identify meanings that make up the place from the perception of the residents of the Environmental Protection Area (APA) Rota do Sol, Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, Brazil (BR). The participants arranged their collections of photographs, which together with the narratives showed the perceptions and relations of belonging to the place, serving as a basis for understanding and interpreting the meanings that make up the place. In this way we take the photograph as a device of narratives and, in the light of the iconology, we carried out a discussion about the memory and the relevance meanings brought by the participants in 2 macro themes: Araucária: a symbolic meaning associated with affections, emotions and memory (3.1) and Changes in land use influencing production, work and social organization (3.2). To support the discussions we start with the theoretical-epistemological study of the use of photography as a research tool and memory device, as well as exploring the concept of landscape. The study allowed us to understand the relationships that bind people to the place, the forms of production, work and social organization, through data from the collective memory not previously analyzed. The use of photography made it possible to gather information that goes far beyond the objective plan in the printed image, allowing to explore and analyze the implicit and subjective aspects and to recognize important meanings to the local community.

ÍNDICE

Palavras-chave: Fotografia. Narrativas. Unidades de Conservação. Rodovia Rota do Sol.

Mots-clés: photographie. récits. unités de conservation. route Rota do Sol.

Keywords: photography. narratives. conservation areas. Rota do Sol highway.

Índice geográfico: Rota do Sol, RS

AUTORES

GABRIELA VITÓRIA DE OLIVEIRA

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), vitoria.gabriela@gmail.com

ALINE REIS CALVO HERNANDEZ

Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), alinehernandez@hotmail.com

PATRÍCIA BINKOWSKI

Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), patinski77@yahoo.com.br